

"Costurando Identidades e Gênero: Moda, Representatividade e Resistência na Juventude Escolar"

Elyza Matutynna de Queiroz Santos ¹

RESUMO

A adolescência é um período de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, no qual a construção da identidade se torna central. Nesse processo, a moda surge como uma poderosa forma de expressão individual e coletiva, permitindo que os jovens revelem seus valores, crenças e pertencimentos. Ao longo da história, a moda sempre refletiu as mudanças sociais, políticas e culturais de cada época, sendo usada para afirmar identidades, desafiar padrões e expressar rebeldia, classe, gênero e etnia. A oficina “Moda, Identidade e Representatividade”, realizada no contexto do ciclo de atividades da Semana da Mulher, com o tema “Mulheridades: História, Diversidade e Resistência na Luta por uma Sociedade com Equidade de Gênero”, foi aplicada na Escola Técnica Estadual Epitácio Pessoa, no município do Cabo de Santo Agostinho. A atividade oportunizou um espaço de escuta, diálogo e criação, com adolescentes — alunas e alunos da instituição — promovendo reflexões sobre como a moda é influenciada pelas vivências juvenis e, ao mesmo tempo, influencia na construção de identidade, gênero e pertencimento. Além disso, abordou as transformações históricas da moda ao longo dos séculos e seus impactos nas formas de expressão e representatividade contemporâneas. Com uma abordagem interdisciplinar que articula arte, história, sociologia e comunicação, a oficina buscou estimular a valorização da diversidade de corpos, estilos, etnias e expressões de gênero, promovendo a autoestima, o respeito às diferenças e a desconstrução de estereótipos. Ao discutir padrões estéticos, consumo consciente e representatividade, aceitando a moda como campo de resistência, especialmente para meninas e jovens mulheres, fortalecendo seu protagonismo na luta por uma sociedade mais justa, diversa e equitativa.

Palavras-chave: Moda, Identidade, Representatividade, Adolescência, Equidade de Gênero.

INTRODUÇÃO

O período da adolescência é reconhecido como fase de intensas transformações no qual a busca e a construção da identidade pessoal e individualidade ocupam espaço central. Nesse processo, a moda emerge não apenas como um fenômeno estético, mas como uma poderosa forma de expressão individual e coletiva, atuando como uma linguagem sociopolítica capaz de comunicar valores e pertencimentos (Hall, 2003; Lipovetsky, 1989). Diante da relevância da moda na formação identitária juvenil, a Escola Técnica Estadual (ETE) Epitácio Pessoa, no Cabo de Santo Agostinho (PE),

¹ Especialista em Gestão e Coordenação em Educação da UPE. Graduada do Curso de Licenciatura Plena da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, elyzaqueiroz.professora@gmail.com.



aplicou a oficina "Moda, Identidade e Representatividade," inserida estrategicamente no ciclo "Mulheridades: História, Diversidade e Resistência na Luta por uma Sociedade com Equidade de Gênero." O tema se justifica pela potente capacidade da moda de ser uma lente de análise para o controle social e a opressão de corpos (Beauvoir, 1949), ao mesmo tempo em que oferece caminhos para a resistência e a subversão desses padrões.

O objetivo central da oficina foi criar um espaço de escuta e diálogo para refletir sobre a influência recíproca entre a moda e as vivências juvenis na construção da identidade e do gênero, buscando fortalecer o protagonismo juvenil. Metodologicamente, o presente artigo configura-se como um Relato de Experiência de natureza qualitativa, descrevendo a concepção e a aplicação da oficina sob uma abordagem interdisciplinar. As discussões e resultados demonstraram que a moda foi ressignificada pelos jovens de consumo a ato político e ferramenta de resistência (Hooks, 2000), evidenciando a possibilidade de subversão dos padrões através da performatividade (Butler, 1990) e o fortalecimento da autoestima. Em síntese conclusiva, a intervenção resultou no desenvolvimento de uma prática pedagógica alinhada à Pedagogia da Autonomia (Freire, 1996) e culminou na assinatura de um Termo de Compromisso Institucional, garantindo a continuidade das ações de equidade de gênero na ETE Epitácio Pessoa.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como um Relato de Experiência de natureza qualitativa, embasado na aplicação de uma oficina pedagógica. Sob metodologia ativa, dialógica e focada na reflexão-ação, valorizando a prática e a percepção dos participantes para promover a equidade de gênero.

2.1. Contexto e Público-Alvo

A oficina "Moda, Identidade e Representatividade" foi aplicada na Escola Técnica Estadual (ETE) Epitácio Pessoa, localizada no município do Cabo de Santo Agostinho (PE). A atividade integrou o ciclo da Semana da Mulher da ETE, que teve



como tema central "Mulheridades: História, Diversidade e Resistência na Luta por uma Sociedade com Equidade de Gênero".

O público-alvo foi composto por adolescentes e jovens da instituição, interessados em moda, autoexpressão e diversidade. O objetivo foi promover um espaço de escuta, diálogo e criação, refletindo sobre a influência mútua entre moda e as vivências juvenis na construção de identidade, gênero e pertencimento.

2.2. Estrutura e Desenvolvimento da Oficina

A oficina foi desenvolvida em quatro etapas principais (totalizando 160 minutos), adotando uma abordagem interdisciplinar que uniu conhecimentos de arte, história, sociologia e comunicação para tratar a moda como um fenômeno social e político.

O presente trabalho configura-se como um Relato de Experiência de natureza qualitativa, embasado na aplicação de uma oficina pedagógica. Sob metodologia ativa, dialógica e focada na reflexão-ação, valorizando a prática e a percepção dos participantes para promover a equidade de gênero.

2.1. Contexto e Público-Alvo

A oficina "Moda, Identidade e Representatividade" foi aplicada na Escola Técnica Estadual (ETE) Eptácio Pessoa, localizada no município do Cabo de Santo Agostinho (PE). A atividade integrou o ciclo da Semana da Mulher da ETE Eptácio Pessoa, que teve o tema central "Mulheridades: História, Diversidade e Resistência na Luta por uma Sociedade com Equidade de Gênero".

O público-alvo foi composto por adolescentes e jovens da instituição, interessados em moda, autoexpressão e diversidade. O objetivo foi promover um espaço de escuta, diálogo e criação, refletindo sobre a influência mútua entre moda e as vivências juvenis na construção de identidade, gênero e pertencimento.



2.2. Estrutura e Desenvolvimento da Oficina

A oficina foi desenvolvida em quatro etapas principais (totalizando 160 minutos), adotando uma abordagem interdisciplinar que uniu conhecimentos de arte, história, sociologia e comunicação para tratar a moda como um fenômeno social e político.

Etapa	Atividade Central	Objetivo Pedagógico
1. Introdução	Moda além da aparência	Apresentação do tema, focando na moda como comunicação não verbal e ferramenta de identidade. Breve histórico da moda e sua relação com movimentos sociais (feminismo, cultura negra, LGBTQIA+).
2. Debate e Reflexão	Padrões e Representatividade	Discussão sobre padrões de beleza, seu impacto na autoestima e a importância da representatividade na indústria como corpos diversos e moda agênero.
3. Mão na Massa	Criando e Customizando	Atividade prática de customização de roupas e criação de moodboards. Desafio: Montar um look que represente a identidade pessoal e a resistência do participante.
4. Apresentação e Encerramento	Expressando-se pela Moda	Compartilhamento e explicação do significado por trás das escolhas. Reflexão final sobre a moda como identidade e resistência.
Ponto Ético e Institucional	Compromisso e Continuidade	Aos Participantes: Assinatura do Termo de Assentimento para utilização das falas e produções, garantindo o anonimato. Ao término da Oficina: Assinatura do Termo de Compromisso Institucional entre a ETE Epitácio Pessoa e o Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento à violência contra a Mulher - Efigênia Oliveira, visando a continuidade e a integração das discussões de equidade de gênero.

Fonte: Elaboração própria.

2.3. Procedimentos de Análise de Dados

A análise do trabalho baseou-se em procedimentos qualitativos, visando à compreensão das percepções e das construções identitárias dos estudantes.

- **Observação Participante:** Registro detalhado em diário de campo dos debates e das interações, com foco nas narrativas sobre padrões estéticos, vivências de gênero e representatividade.



- **Análise das Produções:** Avaliação simbólica e estética dos moodboards e das peças customizadas, identificando referências culturais, marcadores de pertencimento e expressões de identidade não-normativas.
- **Registro das Falas:** Anotação das narrativas e argumentos dos estudantes durante a apresentação das suas criações, articulando suas escolhas estéticas com temas de gênero, resistência e autoestima.
- **Foco da Análise:** A análise empenhou-se em identificar o processo de percepção da moda pela juventude escolar como objeto de resistência (Hooks, 2000) e como a prática interdisciplinar contribuiu para o fortalecimento da autoestima e do protagonismo juvenil, especialmente de meninas e jovens mulheres.

REFERENCIAL TEÓRICO

Adolescer é um período de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, no qual a busca e a construção da identidade se tornam centrais. Nesse contexto, a moda surge como uma poderosa forma de expressão individual e coletiva, atuando como um forte marcador de identidade e subjetividade, onde os jovens expressam seus valores, crenças e pertencimentos.

3.1. A Moda como Comunicação, Linguagem e Fenômeno Social

A moda transcende a estética e o consumo, funcionando como um importante fenômeno social e uma das mais significativas formas de comunicação não verbal. As vestimentas e escolhas de estilo comunicam sobre a personalidade, gostos, status e ideologias do indivíduo antes mesmo de qualquer palavra ser dita.

Historicamente, o vestuário tem sido utilizado para expressar raça, classe, gênero, etnia e religião, além de sinalizar movimentos sociais e políticos mais amplos. Stuart Hall (1997; 2003) aponta que a identidade é um processo em constante construção, mediado pela representação, e, nesse sentido, a moda e o corpo atuam como



linguagens de pertencimento cultural. A comunicação não verbal estabelecida pela moda é tão poderosa que influencia a primeira impressão, que, segundo a psicologia, é formada em menos de sete segundos, podendo gerar aceitação ou não aceitação em um grupo.

Na perspectiva de Douglas e Isherwood (1979), a moda e o vestuário são práticas que geram significados e podem ser usados como "cercas ou pontes", ou seja, como elementos que distinguem ou conectam diferentes grupos culturais. Dessa forma, as escolhas estéticas, conforme analisado por Bourdieu (1984), estão intrinsecamente ligadas a distinções sociais, classe e poder.

3.2. Gênero, Corpo e Performance na Perspectiva Juvenil

A relação entre moda, gênero e corpo é crucial, especialmente na adolescência, quando os padrões estéticos impostos pela sociedade e pela mídia exercem forte pressão sobre a autoestima e a autoconfiança. A luta pela equidade de gênero envolve o combate à discriminação em diversas esferas sociais, incluindo os padrões estéticos.

- Performance de Gênero: Judith Butler (1990; 2003) fundamenta o debate ao conceber o gênero como uma performance social e construção cultural. Essa ideia se reflete no vestir, onde a moda pode ser usada tanto para reafirmar quanto para subverter os padrões de gênero estabelecidos, atuando como uma possibilidade de resistência.
- Corpo e Padrões: Simone de Beauvoir (1949) problematiza o corpo feminino como locus de opressão e controle social, sendo que os padrões estéticos inatingíveis são constantemente reforçados pela mídia e indústria. Nesse sentido, movimentos contemporâneos como o *body positive* e a moda *genderless* (sem gênero) são exemplos de como a moda está se adaptando a um mundo mais plural, promovendo a inclusão de diferentes corpos e identidades.



- O Contexto Escolar: Guacira Lopes Louro (1997; 2000) evidencia como as práticas sociais e escolares participam da produção de identidades de gênero, apontando para a necessidade de questionamento das normas no ambiente educacional. Heleieth Saffioti (2004) complementa, analisando as relações de poder que estruturam as desigualdades de gênero, as quais se manifestam também na estética e nos corpos.

3.3. Representatividade e Interseccionalidade como Luta por Equidade

A representatividade é definida como a valorização e a presença de identidades diversas em espaços sociais e culturais, garantindo voz a grupos historicamente marginalizados. Para além da mera visibilidade, ela exige uma representação autêntica que fortaleça a autoestima e promova a inclusão.

A perspectiva interseccional é fundamental, em decorrência que reconhece que mulheres negras, indígenas, LGBTQIA+ e de diferentes classes sociais vivenciam opressões múltiplas.

- Voz e Resistência: A luta pela equidade de gênero, que motivou a oficina, encontra eco na obra de Djamila Ribeiro (2017), que enfatiza a importância de reconhecer o lugar de fala de grupos marginalizados. bell hooks (2000; 1995) analisa como a cultura, incluindo a moda, pode ser um espaço de resistência, visibilidade e empoderamento, especialmente para mulheres negras.
- Transformação e Valorização: A moda, assim, é resignificada: deixa de ser apenas consumo para se tornar uma ferramenta de identidade, liberdade e resistência. A luta das mulheres é observada historicamente, desde o Sufragismo até os movimentos contemporâneos que buscam justiça social.

3.4. A Educação Interdisciplinar e o Protagonismo na Escola



A realização da oficina em ambiente escolar justifica-se pela adoção de uma abordagem interdisciplinar que articula arte, história, sociologia e comunicação. Essa prática se alinha à Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996), que propõe uma educação crítica e libertadora, valorizando a autonomia e o protagonismo dos sujeitos.

A proposta dialoga diretamente com as diretrizes curriculares nacionais, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), em particular com as competências de Linguagens e Ciências Humanas que promovem a análise das relações de poder, a valorização dos direitos humanos e o exercício da empatia. A oficina se estabelece, portanto, como uma prática pedagógica que, ao discutir padrões estéticos e representatividade, fortalece o protagonismo juvenil, especialmente de meninas e jovens mulheres, na busca por uma sociedade mais equitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados, coletados através da observação participante e das produções visuais dos estudantes, demonstrou o potencial da moda como instrumento pedagógico para a discussão de identidade, representatividade e resistência de gênero no contexto escolar.

4.1. Moda e o Jogo da Identidade: Pertencimento e Diferenciação

A primeira etapa da oficina revelou a percepção da moda pela juventude como espaço tensional entre a necessidade de pertencimento grupal e a busca por diferenciação individual.

As falas dos estudantes confirmaram a tese de Lipovetsky (1989) sobre o paradoxo da moda no "império do efêmero", onde a roupa deve, simultaneamente, sinalizar a adesão a um grupo e a afirmação da personalidade. Uma estudante relatou que, apesar de gostar de roupas mais coloridas, preferia usar cores neutras na escola "para não chamar atenção e ser julgada pelos colegas". Essa necessidade de anulação estética evidencia a moda como um mecanismo que, em vez de pontes, muitas vezes



cria 'cercas' sociais, conforme a perspectiva de Douglas e Isherwood (1979), dificultando a plena expressão da identidade plural e fragmentada discutida por Hall (2003).

- **Aprofundamento:** A customização e a criação dos moodboards (Etapa 3) funcionaram como um espaço seguro para subverter essa norma. Os alunos que se sentiam mais confortáveis expressaram, em seus trabalhos, o desejo por estilos que comunicassem ideologias políticas ou gostos musicais específicos, demonstrando a moda como uma linguagem não-verbal potente.

4.2. O Corpo em Disputa: Pressão Estética e a Performatividade de Gênero

Um dos temas mais urgentes levantados no debate (Etapa 2) foi a pressão estética e a vigilância dos corpos na escola, com marcadores claros de gênero.

A experiência validou as discussões de Simone de Beauvoir (1949) sobre o corpo feminino como locus de controle. As alunas trouxeram narrativas sobre o julgamento em relação ao comprimento da saia do uniforme, o uso de maquiagem ou o tipo de cabelo, contrastando com a menor fiscalização sobre o vestuário masculino. Em um depoimento anônimo, uma jovem afirmou: *'A gente é ensinada a se preocupar muito mais com o que o corpo está mostrando do que com o que a gente está falando. Isso é cansativo.'* Tal percepção ilustra como as normas escolares participam ativamente da produção e do disciplinamento das identidades de gênero, conforme analisam Louro (1997) e Saffioti (2004)."

- **Subversão e Performance:** Contudo, o espaço da oficina permitiu que o conceito de gênero como performance (Butler, 1990) fosse vivenciado. Um estudante, ao apresentar seu moodboard, afirmou ter incluído elementos tradicionalmente femininos como um ato de liberdade. Isso demonstra que o vestuário, longe de ser um mero reflexo, é uma prática encarnada (Entwistle, 2000) de afirmação contra a rigidez do binarismo.



4.3. Moda como Ato Político: Interseccionalidade e Empoderamento

A discussão sobre representatividade (Etapa 2) foi a mais diretamente ligada ao tema do ciclo "Mulheridades", revelando as opressões cruzadas que a juventude da ETE enfrenta.

As narrativas sobre a dificuldade de encontrar produtos de cabelo ou maquiagem adequados a tons de pele mais escuros ou sobre a ausência de modelos com corpos fora do padrão revelaram a necessidade de uma análise interseccional. A moda, sob a concepção de Bell Hooks (2000) como um espaço de resistência cultural, foi reivindicada pelos participantes. A produção de um grupo de alunas negras que customizaram uma blusa com referências à estética Afro-Punk e ao turbante foi um exemplo palpável. A escolha foi descrita como um ato político de 'usar a moda para falar que existimos e somos bonitas do nosso jeito', ecoando a importância de reconhecer o lugar de fala e o protagonismo defendido por Djamila Ribeiro (2017).

- Impacto no Núcleo: Ao final da oficina, a moda foi resignificada: deixou de ser vista apenas como consumo para se tornar uma ferramenta de empoderamento, liberdade e resistência. Este resultado fortalece a missão do Núcleo Efigênia Oliveira, evidenciando que práticas pedagógicas interdisciplinares, alinhadas à Pedagogia da Autonomia (Freire, 1996), são eficazes para promover a desconstrução de estereótipos e o fortalecimento da autoestima juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Relato de Experiência, a partir da oficina "Moda, Identidade e Representatividade," demonstra que a estética e o vestuário são ferramentas pedagógicas potentes para a discussão de gênero, diversidade e equidade no ambiente da Escola Técnica Estadual Epitácio Pessoa.



A intervenção alcançou o objetivo de promover a reflexão, comprovando que a moda, para a juventude, é um campo tenso que opera entre a necessidade de pertencimento e o desejo de diferenciação (Lipovetsky, 1989; Hall, 2003). As escolhas estéticas revelaram-se intrinsecamente ligadas a marcadores sociais, conforme a análise de Bourdieu (1984), demandando a leitura da moda como uma linguagem sociopolítica.

O debate sobre a pressão estética e a vigilância dos corpos femininos, corroborando a análise de Beauvoir (1949) sobre o corpo como locus de controle, foi confrontado pela possibilidade de resistência e performance de gênero (Butler, 1990). Ao subverterem os padrões binários em suas produções, os estudantes transformaram o vestuário em um ato político de visibilidade e empoderamento, especialmente ao abordarem a interseccionalidade das opressões (hooks, 2000; Ribeiro, 2017).

Diante do exposto, a prática pedagógica do Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento à Violência contra a Mulher - Efigênia Oliveira, alinhada à Pedagogia da Autonomia (Freire, 1996), cumpriu o papel da escola em fomentar o protagonismo juvenil e a justiça social. O impacto da oficina transcende a atividade pontual, culminando na assinatura de um Termo de Compromisso Institucional entre a ETE Epitácio Pessoa e o Núcleo. Este termo formaliza o compromisso da gestão em analisar o Regimento Escolar sob a ótica da equidade de gênero e em institucionalizar a oficina como prática anual.

O decorrente trabalho não apenas gera conhecimento sobre a cultura juvenil e a moda, mas estabelece as bases para a continuidade das ações e para a consolidação de uma cultura escolar mais diversa, justa e equitativa.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 1984. Disponível em:



https://favaretoufabr.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/09/bourdieu-pierre_-a-distinc3a7c3a3o_-_c3aadtica_social_do_julgamento.pdf. Acesso em: 06 jun. 2025

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. Disponível em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%Aaero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso em 06 jun. 2025

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade nas roupas**. Tradução de Cristiana de Assis Serra. São Paulo: Senac, 2006.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Tradução de Ana Maria Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979.

ENTWISTLE, Joanne. **O corpo e a moda: uma abordagem à sociologia do vestuário**. Tradução de Alexandre Soares. São Paulo: Senac, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOOKS, bell. **Ensina a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017. (Originalmente publicado em 2000)

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: sintomatologias da cultura**. São Paulo: Paulus, 2007.

